

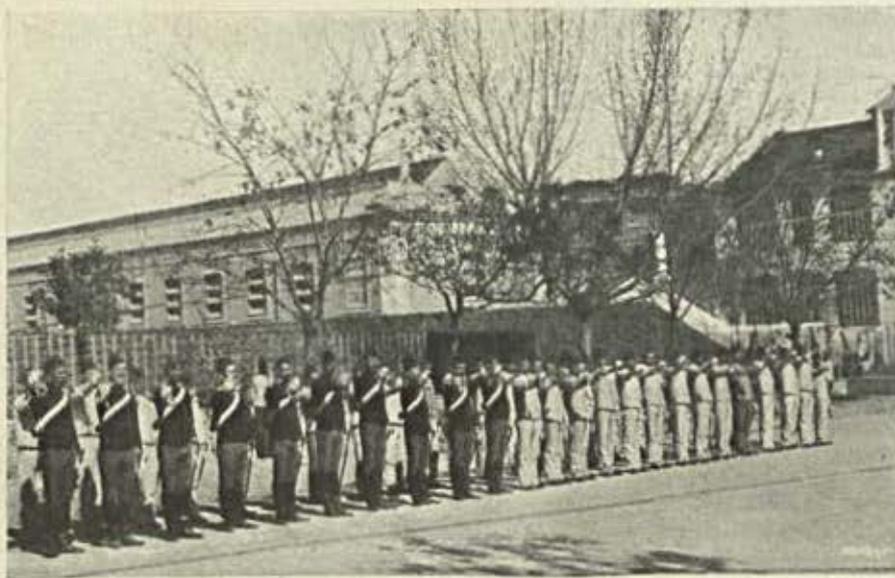
BRASIL—PORTUGAL

1 DE MARÇO DE 1905

N.º 147



Guarda Municipal de Lisboa



No quartel do Cabeço de Bola. — Em continencia

CHRONICA

Tanta vez se tem falado no azul do nosso céu e na suavidade do nosso clima que Lisboa começa a ser apeteçada e admirada. A população fluctuante que, ainda ha uma duzia de annos, se desconhecia, existe já, mercê das rapidas communicações com o estrangeiro, quer por via terrestre quer por via maritima. Todas as semanas passeiam as nossas ruas grupos de passageiros vindos a bordo de vapôres; a mimdo, outros paquetes de recreio trazem ao nosso porto centenas de forasteiros. Como em geral estes veem apressados, contentam-se em ver o que de bom e de notavel lhes



Sir Martin Gosselin

Ministro de Inglaterra em Lisboa
† no Bussaco em 26-2-905

proporcionamos, sem tempo terem de perceber que, afóra reliquias artisticas, monumentos historicos, locais pittorescos e um bonito sol, Lisboa nada mais lhes pôde dar. Enquanto esses *touristes* nos pedem apenas cousas antigas e bom clima, bem vae a cousa, mas se um dia, quando em vez de recolherem á noitinha aos seus beliches de bordo, se lembrarem de ficar em terra para se divertirem, o caso é mais serio. Lisboa que tem muitas curiosidades para fazer admirar, conserva-se — apesar de capital com avenidas novas — uma cidade antiga.

A vida mundana não acompanhou até agora em intensidade o desenvolvimento material. Ha jardins lindissimos, muito bem tratados, cuidados com um esmero inexcedivel, com exemplares primorosos de arvoredo e de floricultura, mas, a não ser o encanto da natureza, que mais n'elles pôde deleitar o espirito do *touriste*? A capital não os frequenta. Ao passo que, lá fóra, os jardins se enchem de *habitués*, bandos de creanças lá brincam, senhoras e credas trabalham, entre nós contam-se a dedo os frequentadores da Patriarchal ou do jardim da Estrella. Parece que ha o medo de ser visto. As creanças vão para a Avenida passear, não vão para os jardins brincar. As mamãs não vão lôr nem fazer crochê, vão criticar os vestidos e os chapéus de cada um. A vida, entre nós, exgota-se entre o que dizemos dos outros e o que os outros podem dizer de nós.

Este o principal motivo porque todas as tentativas até agora feitas de restaurantes ao ar livre, tem abortado. O lisboeta, para não dizer o portuguez, tem vergonha de comer deante de gente, como tem vergonha de fazer qualquer outra cousa que não seja — o não fazer nada! Prefere-se o calor muitas vezes asphixiante e sempre insalubre de cafés fechados, onde o fumo do cigarro se mistura com o cheiro da comida, só e unicamente para que o visinho, ao passar, não nos veja a comer meio bife ou a beber um cognac. D'ahi o ser Lisboa a unica capital da Europa onde não ha um restaurante com mesas nos *trottoirs*, sendo, aliás, a unica que se pôde gabar de possuir dias de um sol tão puro e noites de um luar tão intenso.

Não ha em Lisboa um concerto popular, um theatro de variedades, ou um café concerto onde se passe as noites conversando, ouvindo musica, vendo mimicas, e tomando uma cerveja. Desconhece-se a commodidade. Vae-se ao theatro porque os outros vão,

e não porque se gosta de lá ir. Vae-se ao circo porque é moda ir lá, mas vae-se com o mesmo respeitoso recolhimento com que se pôde ir ouvir missa a S. Nicolau. O espectador do circo entre nós tem o ar de quem vae fazer uma visita de pesames: entra muito gravemente, senta-se sensaboronamente na sua cadeira, e durante toda a noite não diz palavra. Mas vê tudo. Vê, representa para elle o supremo ideal. Vê o que os outros fazem, para onde olham, para quem sorriem, ver o que pôde e adivinhar o resto para contar aos amigos...

Tudo isto que para o lisboeta pode ter um certo attractivo, não o tem absolutamente para o forasteiro. A vida de café que ha em todas as capitães ruidosamente civilizadas não existe entre nós, e quando um francez, um allemão, não importa quem, habituado a viajar, entre em Lisboa ás dez horas da noite, imaginará naturalmente que entrou apenas n'uma aldeia que vive da sua historia, e que concentra nas suas curiosidades artisticas a unica razão da sua existencia.

Lisboa vae receber breve mais um hospede illustre. Sua Magestade Imperial da Allemanha, que breve fará uma viagem pelo Mediterraneo, deve visitar-nos na segunda quizena de Março, em plena primavera, exactamente quando melhor poderemos fazer-lhe as honras da casa, desde que se trata de mostrar o nosso azul e o nosso sol. Não está ainda assente o numero de festas que lhe serão offerecidas, mas não se afastara a *Chronica* da verdade, se disser que o Kaiser irá a Cintra, a Cascaes e a Villa Viçosa — numeros obrigados a todo o programma real e imperial.

É a primeira vez que Guilherme II vem a Portugal, apesar de ainda ha um anno ter passado perto de Lisboa. Muitos membros de familia imperial e outros principes de casas reinantes da Allemanha tem visitado Lisboa, especialmente durante a vida de El Rei D. Fernando, mas um Imperador da Allemanha é a primeira vez que o nosso paiz tem a honra de receber.

A quizena findou com um acontecimento devéras triste: o falcimento quasi repentino e em todo o caso inesperado do Ministro de Inglaterra.

A morte de um diplomata no paiz onde está acreditado, é sempre sensacional. Os plenipotenciarios consubstanciam na sua personalidade, por tal forma, a nação que representam, que até nos esquecemos de que elles são mortaes como todos os outros. D'esta vez é mais do que a morte de um diplomata o que se lamenta, é tambem o desapparecimento de uma das figuras mais valerosamente distinctas que tem apparecido no corpo diplomatico em Lisboa. Sir Martin Gosselin gostava immenso de Portugal. Ha trinta e cinco annos, quando aqui esteve como secretario, creou sympathias profundas entre muitas familias d'aquelle tempo, em cujos salões elle costumava apparecer, sempre alegre, sempre distincto. A experiencia da vida enraizou na sua personalidade tão elegante, tão naturalmente attractiva, todas as grandes qualidades que devem caracterisar um diplomata. Quando elle veio agora ministro para Portugal, ouvimos dizer a alguém que o conhecera em 1868:

— O que eu admiro n'este Gosselin, é como elle conseguiu ser ainda mais sympathico... do que era ha trinta annos!

Esta phrase diz tudo. Sir Martin Gosselin era o que os francezes chamam um verdadeiro *charmeur*. E porque o era, todos que com elle tratavam, sentem a sua falta, e porque representou n'um momento historico para a politica portugueza um papel importante, tornou-se sympathico a todo o paiz, que não sentiu menos do que todos aquelles que com elle privavam a sua morte.

Que descanse em paz.



Visita de S. M. a Rainha
ao laboratorio d'analyses clinicas no hospital

Guarda Municipal de Lisboa

As dificuldades que se encontram no estudo das origens do nosso exercito regular, cuja genealogia se enlaça nos antigos terços de 1570, augmentam e accumulam-se quando essas investigações incidem sobre as origens da policia militar do nosso paiz. As primeiras referencias a instituições d'esta ordem encontram-se dispersas em alguns documentos do reinado de D. Manuel.

Parece que o sabio conselheiro d'este rei, o letrado Antonio Carneiro, creou em Lisboa após a carnificina de 1 d'abril um



Cliché de Vidal Foucaux.

Coronel Malaquias de Lemos

Commandante das Guardas Municipaes

corpo especial de policia, militarizado, cuja chefia confiou a Alvaro de Castro, então governador da cidade. A missão d'este corpo era, ao que parece, coadjuvar os aguazais no seu mister e ao mesmo tempo velar pelo estabelecimento da ordem alterada a descontento do rei, que então andava em Setubal fugido á peste.

Depois, na successão dos tempos não mais se fala em semelhante instituição, o que leva a crer que teve uma existencia ephemera e puramente occasional. Mais tarde apparece uma policia especial do Santo Officio conhecida pela laconica designação de *os lanceiros*, que embora tivesse uma organização militar, mais parece ter sido uma escolta privilegiada dos inquisidores que uma corporação de policia publica.

Assim correram os tempos com variados systemas de policiamento de grande complexidade, sem attribuições definidas, n'uma accumulção de serviços promiscuos.

No reinado de D. Maria II as luctas entre o constitucionalismo, e os partidarios de D. Miguel, provocaram um mal estar geral que se prolongou até depois da emigração do infante para Genova. A segurança publica, era então um mytho, os roubos, as desordens, os crimes succediam-se.

Emquanto aqui e alem se travavam luctas entre miguelistas e os partidarios da rainha, os ladrões e os desordeiros provocavam o terror e saqueavam o que mais lhes aguçava a cubicia. Por muito tempo se prolongou este estado de coisas. A esquina era um escuridouro, a escuridão protegia a traça de gente das poelgas esperando a occasião azada d'um assalto. Lisboa era um antro de malfetores onde não havia uma auctoridade com prestigio, uma policia que garantisse o socego e tranquillidade dos lares.

E', n'estas circumstancias, creada então a Guarda Municipal de Lisboa por decreto de 3 de julho de 1834, firmado pelo infante D. Pedro, regente do reino, sendo ministro Bento Pereira do Carmo.

No velho quartel dos Loyos formou-se o

primeiro nucleo constituido por voluntarios, aos quaes se estabeleceu como condição de preferencia haverem servido sem nota, e d'armas na mão, a causa da rainha. Constituiram-se então tres companhias a cavallo e seis a pé distribuidas por diversos pontos da cidade; sendo nomeado commandante do corpo o brigadeiro Francisco Penha d'Oliveira, tendo com logar tenente o major do



Simão Maria Ventura

Coronel d'infanteria, 2.º commandante da Guarda Municipal de Lisboa

extincto batalhão d'atiradores de Lisboa oriental, Joaquim Francisco de Sá e Vasconcellos.

A' medida que se organisavam estas unidades, iam desde logo entrando em serviço substituindo as chamadas rondas civis, compostas de bons cidadãos, que eram obrigados a fazer gratuitamente o policiamento conjunctamente com patrulhas dos corpos de linha.

Pouco a pouco voltou o socego, restabelecendo-se a ordem, e varrendo se a capital dos mais perigosos elementos, conquistando a guarda a estima e o respeito pelo seu proceder correcto e util.

E' grande a lista de serviços prestados pela guarda na supressão de disturbios, e na segurança dos habitantes de Lisboa. Inumeros documentos officiaes existentes no seu archivo o attestam.

D'elles destacamos os principaes. A 10 de novembro de 1836 a guarda, coadjuvada pelas tropas da guarnição fieis á causa da Carta, tomou parte activa na lucta provocada pelos miguelistas, conhecida pela *Belemsada*, merecendo justos louvores que lhe estão averbados.

Nos motins e tumultos que se seguiram áquelle movimento, de 2 a 14 de junho de 1837 e nos quaes se havia planeado o assassinio do visconde de Sá da Bandeira, a guarda bateu se contra os batalhões da guarda nacional que sustentavam a revolta dos absolutistas.

A 11 d'agosto embarcou em Lisboa a bordo do vapor *Terceira* com



Cliché Benoitel.

O quartel do Carmo e frente com a janella, de onde Nuno Alcares Pereira deitou a lança que se foi cravar na porta de S. Domingos

destino a Peniche um destacamento de 200 homens postos á disposição do ministerio da guerra para defesa dos direitos da rainha.

A 12 do mesmo mez é mandado marchar para o Porto, e com o mesmo fim, outro destacamento.

Em 28, fortes contingentes da guarda recebem ordem de guarnecer as linhas de defesa da cidade, contra os revoltosos que marcharam sobre ella.

N'essa mesma occasião 214 homens marcham sobre Santarem afim de se opporem ao avanço dos miguelistas, dando tempo á completa organização da defesa da capital.

então se houve, diz: "Todos os individuos d'este corpo desempenharam a contento da nação e de S. M. a Rainha a importante missão de sustentar a constituição proclamada..."

Como os acontecimentos tivessem tomado uma phase grave, a guarda foi posta á disposição do ministerio da guerra por de-



Um clarim de cavallaria em grande uniforme



Um tambor de infantaria em grande uniforme

E de todos estes serviços extraordinarios, que a guarda desempenhou cumulativamente com o policiamento da cidade, a guarda se houve de fórma brilhante, cumprindo actualmente as missões que lhe foram confiadas, firmando os primeiros dias da sua existencia com actos de valor a que soube alliar sempre as mais altas virtudes civicas.

Em 9, 13 e 27 de junho de 1838 quando a sedição militar promovida ainda pelos batalhões nacionaes, e pelo antigo batalhão do Arsenal, transformaram as ruas de Lisboa em campo de disturbios e aggressão contra as tropas do governo constituido, é a guarda que restabelece a ordem, combatendo-os, e aprisionando os amotinadores. A ordem do corpo que se refere á forma como a guarda

creto de 29 de junho a 5 d'outubro encontrando-se para esse fim nos quartéis d'Alcantara e do Carmo. A 30 d'Agosto de 1841 o marechal Duque a Terceira tomou o commando superior das forças da guarda até 23 de Fevereiro de 1842.

Da sua conducta durante este periodo em que tomou parte em diversas escaramuças, dá conta a seguinte portaria de louvor da-



Clichés Benollel.

Quartel dos Loyos — Grupo de praças de infantaria



Grupo dos officiaes superiores da Guarda Municipal de Lisboa

Sentados, da esquerda para a direita: — *Julio Cesar da Cunha Vianna, tenente-coronel de cavallaria* — *Simão Maria Ventura, coronel d'infanteria*
Fernando Tamagnini d'Abreu e Sileu, tenente-coronel de cavallaria
 De pé: — *Alfredo Ferreira de Sousa Alvim e José Narciso Antunes d'Andrade Junior, majores de infantaria*

tada de maio do mesmo anno. *... Merecendo os maiores elogios pelo seu leal comportamento e pelos relevantes serviços que prestaram durante a crise de revolta ha pouco terminada, S. M. a rainha manda-os louvar, e manifestar a sua completa satisfação..

E' ainda em 1839 a guarda que abafa a sedição de grande parte das forças da capital contra o governo cartista.

Em factos de valor pessoal são tambem innumerous os serviços prestados pelos soldados da guarda, nos quaes se atesta a disci-

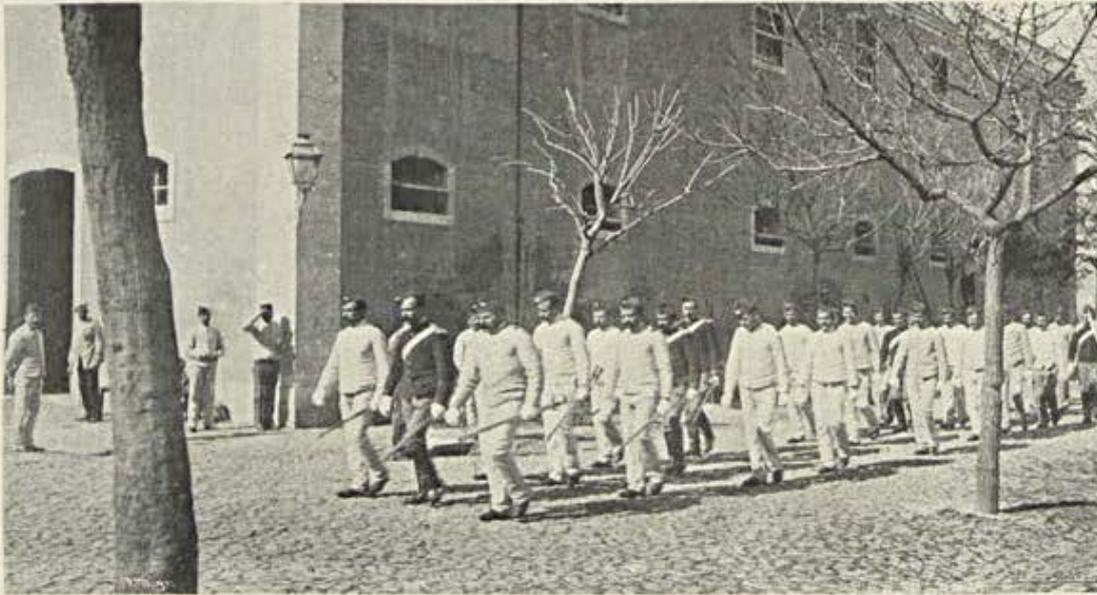
plina, e educação militar, e denodo. que foram sempre o apanagio d'este corpo.

A 23 de julho de 1837, apenas seis soldados, com um temerario arrôjo, procuram abertamente oppôr se á deserção dos lanceiros que se haviam revoltado, pagando alguns d'aquelles com a vida a sua façanha. Tres dias depois tres soldados d'infanteria descobrem um trama d'assassinio contra o coronel barão de Campanhã, combinado pelos soldados do 19.º batalhão nacional.



Cliché Bonelli.

Os actuaes uniformes de cavallaria



Depois da recruta. — A quartéis

Por serviços distintos e humanitários é grande o registro de praças que teem merecido provas de distincção, condecorações e elogios quer officiaes, quer de iniciativa particular.

Juntamente com os corpos do exercito, a guarda tem cooperado distinctamente sempre que tem sido chamada a manter a ordem e o socego do reino.

D'entre diferentes feitos citarei aquelles, em que um contingente de 386 praças debaixo do commando do major Francisco Paula Barrote tomou parte na divisão de operações ao sul do Tejo em 1847.

Referindo-se aos actos de valor d'este punhado d'homens, D. Carlos de Mascarenhas então commandante dos guardas diz em ordem do corpo "... tive a maior satisfação em saber por officio de 1 do corrente a fórma brilhante e a parte activa que as forças da guarda tomaram no ataque feito aos rebeldes em Setubal. Foi á guarda que coube a maior parte da gloria de baterem completamente o inimigo.

N'esta occasião apontaram-se nomes de varios officiaes que se evidenciaram por incontestavel valor e abnegação, como por exemplo os capitães Rodrigues Batalha José Ribeiro, José Maria Borges, Pinto de Sousa, Barrêto, os tenentes João Caetano, Lopes, alferes Bernardo da Silva, Alves Coutinho e outros, que se houveram com extraordinario denodo nas cargas contra o inimigo, nos assaltos, na defesa de posições, na tomada d'artilheria, na libertação de prisioneiros, e outros tantos feitos gloriosos.

Dos soldados, informava o commandante "... são tantos os distinctos que não é possivel enumeral-os.



Cliché Benollet

No quartel dos Loyos. — O rancheiro fazendo a distribuição do rancho



Cliché Benollet

No quartel do Carmo. — Caserna de cavallaria

Em toda a correspondencia d'esta campanha encontram-se frequentes e honrosas referencias á Guarda Municipal de Lisboa.

N'um officio do Conde de Vinhaes, commandante da divisão, em operações, lê-se a seguinte nota: "Das 386 praças da guarda que fazem parte d'esta divisão, combatendo pela causa da rainha, contra os revoltosos commandados pelo Duque da Terceira, 20 foram promovidos a cabos por distincção; a 53 foi-lhes conferido o gráo de cavalleiros da antiga e muito nobre ordem da Torre e Espada; a 3 igual categoria da ordem militar de Christo.

Nas actas das sessões das Camaras dos Deputados registra-se em 17 de fevereiro de 1843 a seguinte referen-

cia "... Que a Camara dos Deputados da Nação preste um testemunho de gratidão ao nobre marechal Saldanha ...

"Que identico testemunho se preste ao bravo commandante, officiaes e mais praças da guarda municipal de Lisboa pelo valor com que uns se houveram no campo da honra, e outros na manutenção da segurança publica da capital.

Merecendo os maiores elogios pelo seu porte, pelo exacto cumprimento dos seus deveres, pela comprehensão nitida da difficil missão que se lhe impoz, não foi esquecida pelo duque de Saldanha, da Terceira, conde das Antas, da Ponte de Santa Maria, que lhe firmaram louvores e elogios.

Éis um apontado historico da Guarda Municipal de Lisboa, d'este corpo especial de policia militar que nos não permite invejar as instituições similares do estrangeiro, que, pelo seu glorioso passado, que pelos seus



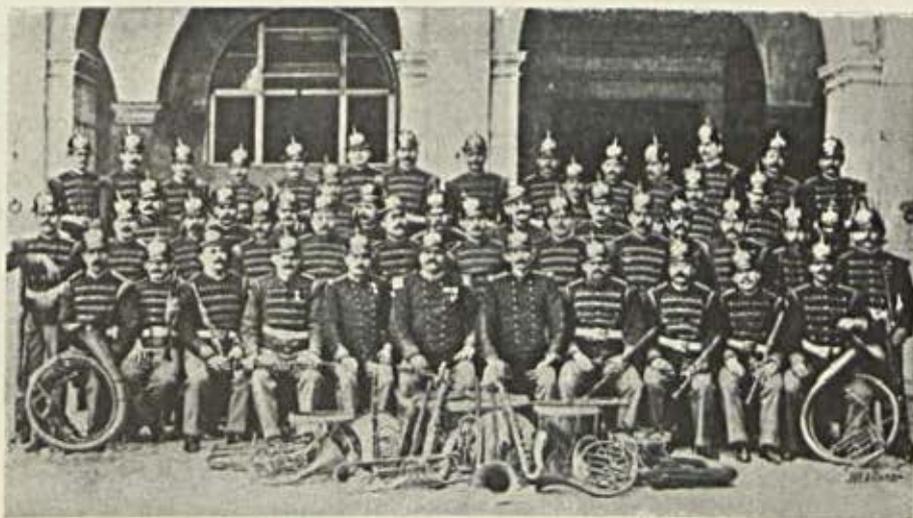
Instrução de recrutas. — O novo jogo d'armas

relevantes e importantíssimos serviços. Actualmente a guarda de Lisboa compõe-se de seis companhias d'infanteria e quatro esquadrões de cavallaria, havendo um commando geral com séde em Lisboa que abrange na sua jurisdicção a Guarda Municipal do Porto.

Vinte commandantes geraes tem tido este corpo desde a sua fundação, e para este logar tem permitido a sorte e escolha, que as nomeações tenham sempre recabido em officiaes de reputação militar perfectamente defenida, d'altos dotes profissionais, e de grande amor e zelo pela instituição, ao que se deve em parte a fortuna de se poderem manter á devida altura as suas gloriosas tradições.

Foram seus commandantes:

- 1.º — Brigadeiro Francisco Paula d'Oliveira até junho de 1835.
- 2.º — coronel Luiz Moura Furtado até 15 de agosto de 1836.
- 3.º — tenente-coronel Francisco Xavier Antonio Ferreira até 10 de setembro de 1836.
- 4.º — tenente-coronel Manoel Bernardo Vidal até 26 de dezembro de 1836.
- 5.º — major Antonio Cesar Vasconcellos Corrêa até 11 de junho de 1841.
- 6.º — tenente-coronel D. Carlos de Mascarenhas até 28 de maio de 1846.
- 7.º — tenente-coronel João Firmino Lemos Corte Real até 24 de julho de 1846.



A banda

- 19.º — general de divisão Antonio Abranches Queiroz, par do reino.

Actualmente é seu commandante o coronel de cavallaria Philippe Malaquias de Lemos ajudante de campo de Sua Magestade El-Rei.

Inserindo os nomes dos commandantes que a guarda tem tido, lamentamos não poder registar os dos seus officiaes, em vista do caracter synthetico d'este esboço da historia gloriosa d'um dos nossos mais distinctos corpos.

Kuchenbuck Villar.

PENSAMENTOS

O mal triumpha muitas vezes, mas nunca vence.

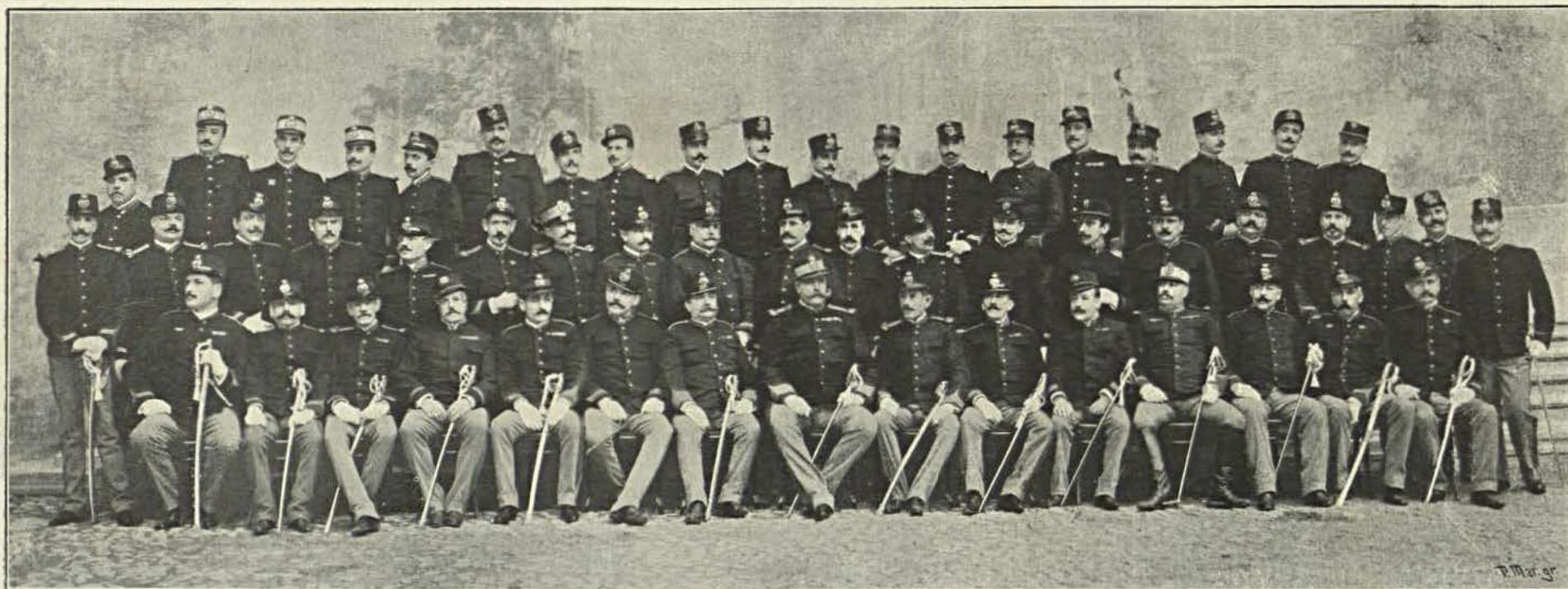
A solidão vivifica, o isolamento mata.

Padre JOSEPH ROUX.



Escola de recrutas. — Manejo d'espada

Guarda Municipal de Lisboa — Grupo de officiaes

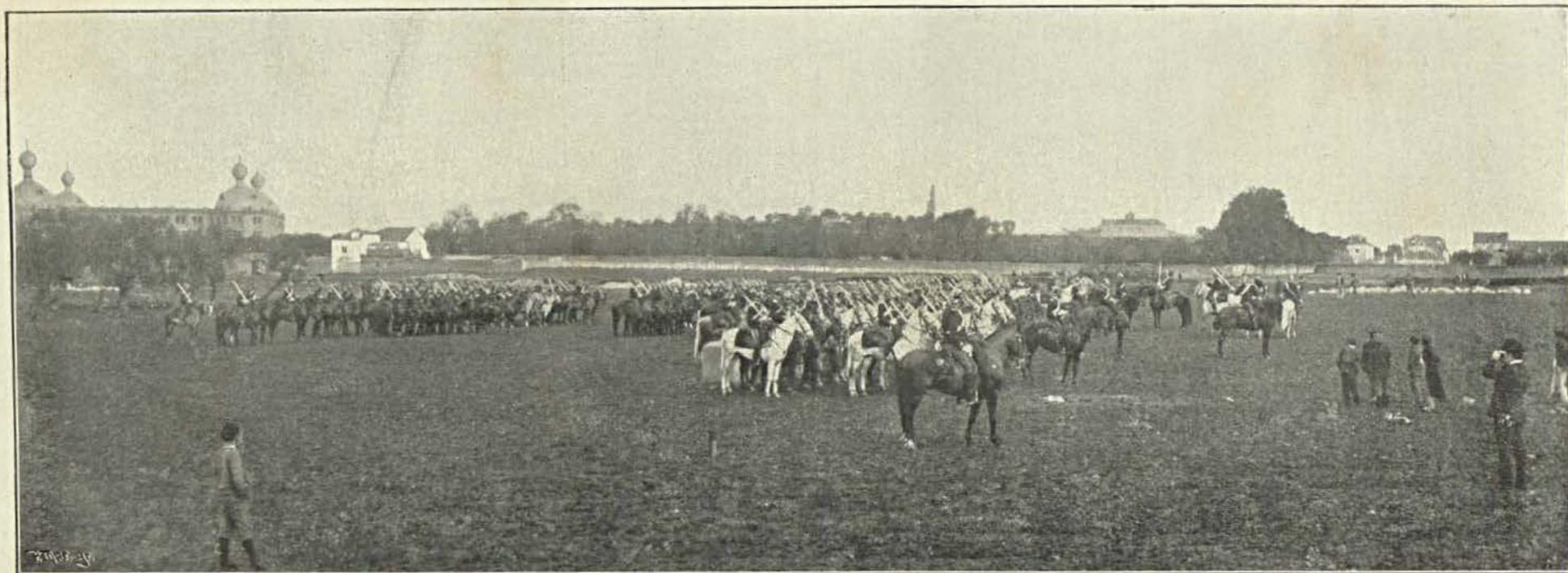


Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — Capitão Manuel J. França Junior — Capitão Rozendo d'Abreu Bacellar — Capitão Alfredo Campos Carralho — Medico Abel Campos Paiva — Major José Narciso Andrade Junior — Tenente coronel Fernando Tamagnini da Silca — Coronel Simão Maria Ventura — Coronel Filipe Malaquias de Lemos — Tenente coronel Julio Cesar Cunha Vianna — Major Alfredo F. Sousa Alvim — Major d'administração militar Thomaz E. Almeida Cayolla — Capitão José Miguel Carralho — Capitão José V. Sousa Albuquerque — Capitão João V. da Fonseca — Capitão João L. Jeronymo Alces.

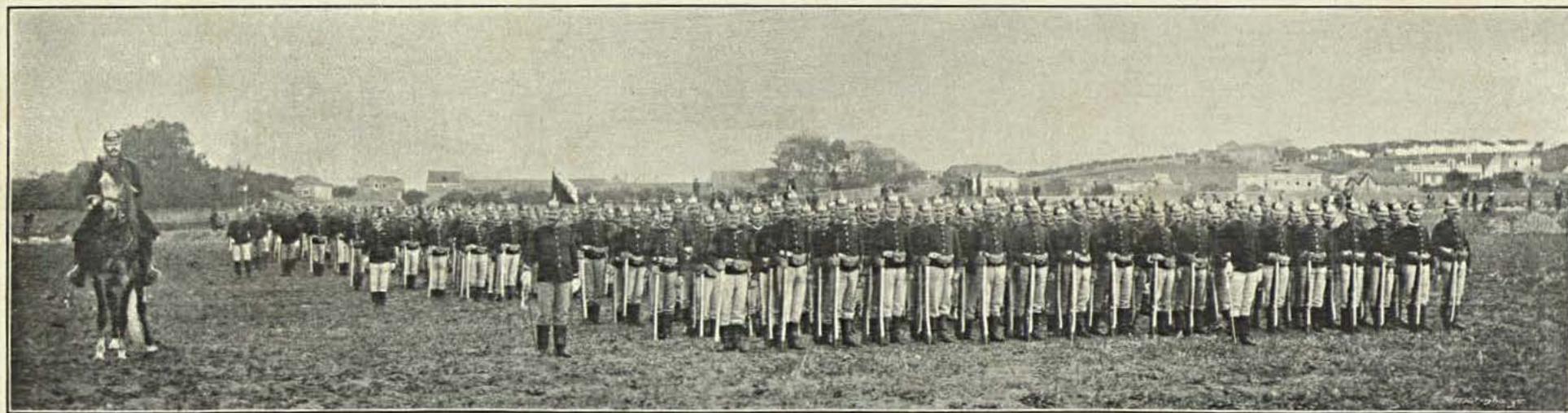
2.º plano (de pé): — Tenente Alvaro Pimenta da Gama — Tenente Julio C. dos Santos Segurado — Tenente Manuel H. C. Gusmão — Tenente Manuel Teixeira Lopes — Capitão Bernardino D. da Silca — Tenente Guilherme A. Dias Rebello — Tenente Francisco C. Nogueira Junior — Capitão João J. Rodrigues Baptista — Capitão Augusto Cesar Bettencourt — Tenente Henrique Vasco Sousa Prego — Tenente Antonio P. Saude — Capitão veterinário José Alves Simões — Tenente medico Eugenio Pereira C. Caldas — Tenente medico Julio Dantas — Capitão Carlos Eugenio T. Valle Lacerda — Mestre da banda Antonio G. C. Taborda — Capitão José Mendes M. Pedroso — Tenente Justino José S. Pinto — Alferes Abilio Antonio Amador — Alferes Arthur P. Ribeiro.

3.º plano: — Tenente Frederico A. G. Soares — Alferes Luiz F. A. Pinto Tavares — Alferes Eduardo Noronha G. L. Demy — Tenente Carlos L. Godinho — Tenente João J. M. Migueis — Tenente José M. C. Vasconcellos — Capitão Antonio C. Mendonça — Alferes Raul Menezes — Alferes José A. F. Blanc — Alferes Antonio França P. Oliveira — Alferes Hermenegildo A. F. Blanc Junior — Alferes Francisco A. Almeida — Tenente José G. Paul. — Alferes Joaquim P. da Silca — Alferes João José C. Junior — Alferes José Joaquim Canhão — Tenente Arthur J. Silca Pereira — Alferes Antonio P. A. Kuchembuck Villar — Capitão thesoureiro Antonio Maria Duque.

Guarda Municipal de Lisboa



Exercício de cavallaria. — Em columna de regimento



Exercício d'infantaria. — O 1.º batalhão da guarda

Os amores de D. Miguel

D. Miguel tinha o pendor feminista do temperamento, tinha a insita propensão para a amorosidade. Foi aparelhado de mediocre educação e instrução, porque, como o outro que diz, qual é Maria, tal filha cria. D. João VI, seu pretenso pae, era um bonacheirão e um besuntão de tal casta, que as filhas sentiam o antôjo do enjôo ao oscularem-lhe as mãos sempre sujas pelo rapé de dois botes, que avezava trazer, um em cada algebeira; e D. Carlota



O sr. Infante D. Miguel

*Que affeição ao gesto bello, e leuro,
Deseja de comprar-vos para genro,*

C.M. Cobl. 1.º Est. 16.º

Joaquina, sua mãe, era uma fúlia intriguista, perfida e de temperamento combustível, que machinava contra o marido e applicava repetidos golpes de canivete no contracto matrimonial. Por consequente, os exemplos palacianos não foram de molde a formar exemplarmente o caracter de D. Miguel. Por isso, ainda em petiz, no Rio de Janeiro, era levadinho da trúpia, era da pelle do diabo, e praticava rapazias, que compelliam sua mãe a descalçar um sapato e a tocar-lhe a pavana.

D. Miguel cultivava a equitação, a esgrima, a arte de toirear, a arte venatoria e a arte de torneiro, em que foi leccionado pelo seu intimo amigo marquez de Abrantes, D. José. Luzitanojaté á medula dos ossos, peninsular até á raiz dos cabellos, D. Miguel dava o cavaco pelas toiradas. Uma vez, chegou a metter um toiro no seu quarto de dormir da Bemposta, fazendo-o entrar por um portão da banda do Cabeço de Bola, que dava serventia á quinta, e introduzindo-o depois na alcova pela janella. D. João VI, para impedir a reincidência, mandou collocar reixas de ferro na janella. Mercê do seu insito marialvismo, dava quinau aos mais pontilhosos praxistas da gineta e pregava um bigode aos cavalleiros mais enfronhados nas graças hippicas de Marialva. Quando, depois da *Abri-lada*, foi para Vienna de Austria, quedou-se um largo trecho em Paris, onde frequentou o picadeiro de Mr. Kuntzmann, por detrás da egreja da Magdalena, e onde poz de manifesto tanta pericia na arte de cavalgar, que os francezes o capitularam de mestre em picaria. E quando, no retorno do exilio, se deteve em Inglaterra, foi hospede do peralvilhissimo Jorge IV no castello de Windsor, em cuja coutada caçou aos faisões e aos veados, e onde teve occasião de agradar *pela sua gentil dextreza de picador e pela mão certa com que atrava, (1). Durante o seu reinado, D. Miguel dava audiencia na Bemposta, ás terças-feiras e quintas-feiras, sendo um dia destinado aos homens e outro ás senhoras.

Com este fito, abalava de Queluz e picava a toda a brida, montado á Marialva e em trajo de picador da Casa Real, isto é, de chapéu armado, casaca de briche e botas altas, com um cacete entalado sob a perna. Pois dava umas calças á escolta de cavallaria, que elle sempre deixava a perder de vista.

A bronquidade de caracter de D. Miguel era, ás vezes, temperada por umas delicadezas, que tresandavam a Regencia, como se prova com o seguinte facto. Indo elle para uma caçada, quando estava em Santarem, passou por casa da viscondessa de Manique, uma das pessoas convidadas. Mas a viscondessa mandou dizer-lhe que não podia ir, porque ainda não estava vestida para o passeio. — *Pois bem, respondeu D. Miguel, diga-lhe que espero..

Quem sae aos seus não degenera, reza o anexam. E D. Miguel saia ao pae, que não foi o João dos Santos, almoxarife do Ramalhão, como o povo affirmava em prosa e em verso, mas, consoante se boquejava no Paço, o marquez de Marialva, D. Pedro — um gentilissimo homem (2). As nossas informações dão-nos a infanta D. Maria da Assumpção como filha de João dos Santos e a infanta D. Maria Francisca como filha de Luiz da Motta Feo. vice-almirante, antigo capitão-general da Parahyba do Norte e governador geral de Angola. Sobre a paternidade de D. Pedro e das infantas D. Izabel Maria e D. Anna é que não existem discrepancias, porque eram indubitavelmente filhos de D. João VI.

D. Miguel pagou largas páreas a Sua Magestade o Amor. A sua inclinação para as polygamias da rua esteve a pique de o fazer cahir n'uma cilada, em 1823. Uns volteiros, que lhe haviam jurado pela pelle, subornaram uma serva de Cupido moradora na rua do Teixeira, a S. Pedro de Alcantara, no intento de, quando elle ahí fosse procurar o opio calmante do amor, lhe chegarem a roupa ao corpo; mas um rapaz denunciou a trama ao infante, que se poz á coca e veiu com um piquete no momento psychologico, prendendo alguns dos da sucia, que já o esperavam dentro do cadoz. O evento chegou aos ouvidos da policia secreta pela conversa de uns patuscos, que iam n'uma fália da carreira para a Outra-Banda.

Que saibâmos, a sua primeira amante foi a *signorina* Margarida Bruni, rapariga dotada de bella plastica, mas de nariz formidavel. Foi segunda bailarina de S. Carlos em 20 e empresario do mesmo theatro em 22 e 28. A Bruni nascera em Roma em 1799, e, em 1820, era amante do Intendente Geral da Policia João de Mattos e Vasconcellos Barbeza de Magalhães, o mesmo corpulento e azevieiro sujeito que, sendo ministro da Justiça no reinado de D. Miguel, se fez lamecha com a infanta D. Maria da Assumpção, pelo que o mandaram tomar temporariamente os ares abrantinos. Antes de se amancebar com o Intendente, estivera successivamente com um marquez, um beneficiado da Sé e um negociante, que a encheram de brilhantes, sedas e peças de ouro. Por causa de uma distribuição de papeis, e corpo de baile de S. Carlos insurgiu-se contra ella em 20, e, por essa razão, o apaixonado Intendente engaiolou, durante 15 dias, no Limoeiro, a primeira bailarina Coralli e os primeiros bailarines Girard e Falcoz, condemnando-os mais a sahirem do reino, finda a prisão. Mas os ministros de França e de Italia intervieram, e os bailarinos toram reintegrados nos seus logares. Um sublinhador de actualidades do tempo dizia, n' *O Padre Anaro*, que tudo isto fôra obra de um deus, que pintam pequentino e cego.

Em 24, a Bruni estava em concubinato com D. Miguel. Entre as baldias atiradas aos quatro pontos cardeaes pelos caramboleiros, na occasião da tragica morte do marquez de Loulé em Salvaterra,



O sr. D. Miguel I orando na espella da N. Senhora da Rocha

veio esta: que o rancor do ciumento D. Miguel pozera a mira no marquez, porque este o atraía com Margarida Bruni, e, tanto assim, que uma medalha com o retrato d'ella, que o marquez trazia ao pescoço, não se encontrara no cadaver. Mas enganavam-se de meio a meio, porque nem D. Miguel tomou parte no assassinio do marquez — como se pôde provar — nem este manteve jámais relações amorosas com a Bruni.

Silva Gayo, no seu romance *Mario*, publica uma carta do dr. Manoel Maria da Silva Bruschy, em que este se faz echo d'essa atear-



da, quando diz que D. José Maria de Mendonça, filho natural do marquez de Loulé, "foi havido em *Madame Bruni*," o que não podia ser, porque elle contava, n'esse tempo (em 21), vinte e tantos annos e ella vinte e cinco annos.

Vem muito a ponto referir que a amante do marquez de Loulé era uma franceza chamada Fanny Grunier, de 26 annos de idade, moradora na rua de Sant'Anna, n.º 9, freguezia da Ajuda, com quem se relacionara em França em 1813 e que mandara vir com a familia para Lisboa em fins de 1821. Após a morte d'elle, a franceza endossou o seu amor a D. José Maria de Mendonça; e Margarida Bruni, em virtude da sabida de D. Miguel para Vienna, ligou-se (e casou em 32) com um mancebo de 26 annos, guarda-roupa do Paço, e entrou no silencio da paz eterna em 4 de junho de 1848, baixando á sepultura no cemiterio da freguezia das Areias, concelho de Ferreira do Zezere.

Em seguida ao pronunciamento militar de 30 de Abril de 1834, conhecido pelo nome de *Abrilada*, D. Miguel embarcou na fragata *Perola* para Brest, e ali conheceu uma michéla, que, cinco annos decorridos, "ainda conservava, por só compensação de suas caricias, a alcunha de Princesa de Portugal," (3). Chegando a Paris, hospedou-se no luxuoso hotel *Meurice*, na rua de Saint-Honoré, e, durante a sua estada aqui, visitou o rei em Paris e em Saint-Cloud, foi á Opera, ao Panorama do Rio de Janeiro, á Casa da Moeda, á festividade do Corpo de Deus em Saint-Germain l'Auxerrois, á fabrica de armas brancas de Bougival, onde adquiriu espadas e facas de caça, aos banquetes e festas do conde de Cossé, do marquez de Clermont-Tonnerre, do duque de Bordes e do ministro Villèle, e assistiu a uma sessão de gymnastica no Gymnasio Normal e ao enterro de Luiz XVIII. De Paris, abalou para Munich, onde o principe Carlos o acolheu affectuosamente, proseguindo depois na sua jornada para a metropole austriaca, nos suburbios da qual (em Schönbrunn) habitava o duque de Reichstadt, o merencorio Napoleão II, cuja vida legendaria tanto interessou o romanesco espirito dos vienezes. No amavel paiz da valsa, D. Miguel é recebido carinhosamente pelo imperador, monta com os archiduques, brilha entre os *folias cours* nos salões illuminados pela scintillação dos crystaes, dos diamantes e das espadas constelladas, derriça, talvez, as viennenses desesperadamente loiras como a cerveja, sorrisos feitos mulheres, flores de neve coroadas de espumas de ouro. Aqui, tem ensejo de praticar a meritória acção de salvar a vida ao conde de Rio Maior, prestes a afogar-se no bello Danubio azul. Nomeado logar-tenente de D. Pedro e investido na regencia do reino, não se apressa, contudo, a abandonar Vienna de Austria, devido naturalmente aos *grillhões de amores*, de que palravam as gazetas, e em que temos de acreditar, quando nos defrontamos, no paço de Queluz, com a varonil e insinuante figura, cujos olhos de azeviche fuzilam na tela, que Giovanni Ender pintou em 1827.

Um folheto de 1833 (4) relata varias phantasias amorosas de D. Miguel nas capitães franceza e austriaca, mas não diz se teve

amores mais duradouros do que os determinantes dos hymeneus ephemeros com essas creaturas, que fazem render — mediante agiotagens de coquettismo — o capital de sedução que Deus lhes confiou.

Depois de pilhar a corôa, este doidivanas continuou a dar redeas largas aos seus instinctos frascarios. Foi um *tombeur* de virtudes plebéas e manifestou sempre um fraco pelas saioias. Em Queluz, teve amores com D. Margarida *Adrião*, moradora em Ponte Pedrinha, filha de José Fernandes *Adrião*, criado particular de el-rei e homem de 67 annos (em 1824), da qual houve um filho chamado Miguel, ao deante moço de ordens da Casa Real e extremoso amador de fado. Refere a tradição, que D. Miguel, mal bispava uma mulher bonita em qualquer janella de Queluz, expedia immediatamente um mercurio, pedindo-lhe dessem faceis entradas na casa. Em taes andanças, os seus guardas eram, entre outros maraus, o Sedovem e o Seabra, um velho que morreu feito contractador de bilhetes á porta do theatro de D. Maria. Mas, uma vez, poz de banda as suas *conquistas plebéas* e, segundo se rosnou, teve amores com certa dama casada, uma das estrellas da côrte miguelista, a mesma que, andados annos, repetiu o mesmo delicto com Duarte de Sá.

Diz alguém que D. Miguel teve mais as seguintes amantes: a D. Maria Evarista, em Queluz, da qual houve duas filhas, e a Carlota, moradora n'um 1.º andar da rua larga de S. Roque, defronte da travessa do Poço da Cidade, de quem houve uma filha, que foi para Roma. Sabemos, de boa fonte, que a filha da Carlota, antes de ir para a cidade eterna, fôra hospeda da condessa de Murça, que a tratava com o maximo acatamento e até lhe chamava Alteza e se erguia, quando ella lhe passava pela frente. O sr. Barbosa Colen accrescenta á lista das amasias de D. Miguel mais tres, que teve em Braga: a Antonia, filha do seu barbeiro, a Emilia, fidalga de Guimarães, e a Eugenia, uma aldeã. (5)

A convenção de Evora-Monte, que poz ponto final na lucta epica entre D. Pedro e D. Miguel, obrigou este a expatriar-se, indo então viver na Italia, a patria classica da belleza, essa perola do mundo, essa doce terra que tem o encanto nostalgico de um paraizo perdido.

Entre os que embarcaram com elle, foram o seu barbeiro José da Silva Machado e um Fonseca, criado do conde de Soure, que D. Miguel fez porteiro da cana em Roma, mas que accumulou essas funções com as de espião da embaixada portugueza, logar que exerceu, a troco de dez mil réis mensaes, até 11 de julho de 1841, em que regressou á patria.

D. Miguel fixou residencia em Genova, onde a vida do principe vindico não foi um modelo de morigeração.

Aqui, andava ordinariamente em companhia do seu criado particular Caetano Pinetti, entregava-se aos prazeres emocionantes da equitação, frequentava os theatros, onde era servido de vinhos e refrescos pelo famoso José Verissimo, fazia reiteradas visitas á *trattoria* de Mr. Paris, em cuja cozinha cigarrava e chupistava o



O Infante D. Miguel

Filho do sr. D. Miguel, em 1870

seu copito de agua-ardente, e laureava nas viellas suspeitosas, o que forçou a policia a segui-lo, para impedir que os marujos lhe pregassem alguma peça. N'este anno de 1834, transferiu a residencia para Roma, "onde continuou a mesma extravagante conducta, que teve todo o tempo que se demorou em Genova." (6)

D. Miguel tornou a Genova para receber a sua velha aia D. Joanna Francisca do Vadre, a sua ama Geneveva, umas Sansas e filho, a sua amante Emilia dos Santos Pinto e uma sua filha, e outras pes-

soas, que foram levadas em duas carruagens para o palacio do Romairon, habitaculo do principe proscripto, e que, passados alguns dias, sahiram d'aqui para Roma. Na cidade eterna, residiu primeiro no magnifico *hotel da Russia*, mudou-se depois para a *villa Strozzi* e, d'esta, para o palacio da Ripetta, propriedade de Jacome Mingaci, alcunhado de *Vetturino*, por ter ganho a riqueza em alquilador de segos de posta. D. Miguel possuia tambem uma casa em Albano, para a qual mandou D. Francisca do Vadre, senhora que sempre respeitou extremamente. A filha da Emilia e de D. Miguel ficou vivendo com José Luiz da Rocha, seu secretario, em Albano, de onde vinha passar as festas a Roma, incluindo a do carnaval, para cujo fim alugava uma casa no Corso. Os romanos, que a conheciam á legua, diziam, apontando a a dedo: — *Ecco la figlia del re D. Miguel*. O pae tentou casar esta menina, primeiro com o seu fielho José Maria, que houve por bem abanar-lhe as orelhas, e depois com um rapazola, filho do Telles Jordão — um traste que rebentara como um sacco aneurismatico.

A Emilia, que veio a morrer tísica, sentiu uma farpa a espicar-lhe o coração, quando, ao entrar em Roma, a prevenira n de que D. Miguel arranjará outra amante, uma italiana casada com o velho criado Pinetti. Era uma rapariga linda, mas de indole biltre, que elle tivera por sua conta e risco em casa do correio Amorim, em Albano, e fizera vir depois para Roma, dando-lhe albergamento nas proximidades do seu palacio, em companhia do Amorim e da sua mulher, uma franceza. Em seguida, deu-lhe promoção social, maridando-a com o Pinetti, encaixou os noivos no palacio da Ripetta, e recambiou para Albano os conjuges Amorim, dois piteiros de fama e polpa. O parcho da freguezia de Nossa Senhora do Popolo prohibiu então que o mulherio fosse buscar agua á fonte publica d'este palacio, que começou a ser muito frequentado pelas amigas da senhora Pinetti, a qual, na ausencia de D. Miguel, offercia dansarás e fazia servir refrescos ás visitas ballariqueiras, com grave escandalo e falatorio da visinhança.

Um bello dia, appareceu á entrada do palacio uma mulhercita de Tivoli acompanhada de uma rapariga, portadora de uma carta de D. Miguel, ordenando que dessem pousada á pequena. A Pinetti, mordida pelo aspide do ciume, foi aos arames, bramou e preparava-se para se raspar n'uma sege, quando o marido a ouviu, todo arreliado, e entrou ás testilhas com ella. Mas os creados deitaram agua na fervura, depois do Pinetti se ter visto n'uma fona e da esposa ter mostrado, em concordancia com o proverbio milenez, que a mulher tem quatro armas: a lingua, as unhas, as lagrimas e os cheliques.

No outro dia, D. Miguel congraçou-as de modo que se tornaram amigas para todo sempre. Em 1838, Fr. Fortunato de S. Boaventura (arcebispo de Evora) pegou de escogitar na traça com que o seu rei se havia de descartar da infesta familia Pinetti. O mordomo de D. Miguel era Jacome Mingaci, filho, e o despenseiro era o Pinetti, mas, como este sizava as compras, Fr. Fortunato logrou convencer aquelle de que o Pinetti considerava o dinheiro do amo como roupa de francezes. O Pinetti, sendo convidado a prestar contas, recusou-se, e tramou uma cabala contra o mordomo, o qual se estomagou com D. Miguel, vendo-se este constrangido a chamar Fr. Fortunato para o instruir na maneira como havia de se safard'aquella rascada.

O abelhudo Fr. Fortunato disse cobras e lagartos do Pinetti, da bisca da esposa e da sirigaita de Tivoli, e poz todo o peito em persuadir D. Miguel de que os devia correr a teque de caixa. E vingou o intuito, porque D. Miguel mandou, sem mais delongas, alugar uma casa perto do convento dos jesuitas e para lá transferiu a moradia dos Pinettis e da menina de Tivoli (7). D. Miguel, que só procurava as satisfações materiaes e egoistas da epiderme, ainda teve mais tres ou quatro mancebas em Roma, mas á socpa e sem abrir margem aos commentos dos moralistas rispidos.

Tinha de vez o fazer largas passeiatas até Castel Gandolfo, onde os austros tepidos punham um suspiro profundo de quietação bucolica.

O prior dos Martyres e mais quatro amigos italianos adregaram topar lá D. Miguel com duas pecoras, sentados a uma meza de pedra em uma alameda, perto do convento dos Capuchinhos, que estava em festa.

Ao vêl os, D. Miguel pinchou por cima da meza e de bom rosto os recebeu. O guardião do convento convidara-o para jantar, o que elle aceitou, conçoando, porém, que l'ho serviriam na meza ao ar livre, o que foi impossivel, porque estava em companhia de mulheres e, d'est'arte, periclitaria a honra do convento.

Costumava ir a Roma a companhia de cavallinhos de um tal Guerra, casado com uma mulher de boa estampa, por quem D. Miguel se sentiu logo preso pelo beico. D. Miguel começou a frequentar o circo do Guerra aos domingos e dias santos. O circo ficava na *ria del Pontifice*, mas os ensaios faziam-se no *Passeio Publico do Pincio*, ensaios que D. Miguel aproveitava para se exercitar em equitação, o que, chegando ao conhecimento do governo, determinou este a vedar a entrada do *Passeio* ao publico, durante os ensaios dos cavallinhos. Certa occasião, o Pinetti empurrou brandamente a mulher do Guerra para o lado de D. Miguel, mas o Guerra affinou com a brincadeira e arrumou um encontro no Pinetti, que o fez malhar abaixo das trincheiras como um dez e partir uma clavícula.

D. Miguel acompanhava, a miude, com os seus particulares Pinetti e José Maria, algumas vezes com o correio Amorim e quasi sempre com o Ricci, intrepido tenente da policia. O governo romano ordenara-lhe que não sahisse da beira de D. Miguel, mas nunca se soube bem se era para o guardar, se para o espiar. No entrudo, D. Miguel donaireava nos bailes publicos, disfarçado com dominó preto. Mas o Ricci, a fim de o não perder de olho, punhalhe um risco branco nas costas, e, como nunca o deixava, toda a gente podia dizer-lhe: *Je te connais, beau masque!* E' de presumir que estes pagodes nocturnos continuassem nos *cafés*, em que a intriga dos bailes de mascaras completava ordinariamente o segundo acto da sua trilogia, enquanto Roma sopitava na curva circular das suas collinas. D. Miguel tambem andava, no carnaval, com os filhos mais novos do seu senhorio Mingaci e com outros bródistas, todos mascarados e em tipoias embandeiradas. Nos entrudos de 1838 e 1839, disfarçou-se de urso e plantou-se á ventana de uma casa do Corso, a jovialisar em grande reinação e a atirar confeitos ás carruagens, que passavam na graça bexigueira da alegria carnavalesca.

Em Roma, D. Miguel pintou a manta como um esturdo de fina

O Carnaval no Porto



Phot. Guedes d'Oliveira.

A direcção do Club dos Fenianos

Da esquerda para a direita:

1 Director, José Martins da Costa Amaral. — 2 1.º Secretario, Francisco Gouveia Peixoto. — 3 Presidente, Antonio da Silva Cunha. — 4 2.º Secretario, Joaquim Pinto Gordo. — 5 Thesoureiro, Serafim Ferreira Alves Basto. — 6 Director, Alfredo Moreira da Rocha Brito. — 7 Director, Comendador José da Silva Ferreira Bahia. — 8 Director, José Moreira da Rocha Brito. — 9 Director, Abilio Machado. — 10 Vice-Presidente, Julio Gama. — 11 Director, David Coelho Pereira. — 12 Director, Ayres Pinto Vaz Osorio. — 13 Director, Antonio Pereira da Silva. — 14 Director, José Ferreira da Silva Monteiro.

raça, porque, diria elle de si comsigo, tristezas não pagam dívidas. Mas teve alguns percalços. Assim, indo de caminho para uma caçada no Campo-Morto, acompanhado do seu cocheiro, do José Maria e de outro servo, foi assaltado por um quartetto de bandidos mascarados, que lhe empalmaram um aparelho de chá, que habitualmente levava, a espingarda e o relógio, e que bifaram ao José Maria a espingarda, o relógio e doze mil réis, ao outro criado a espingarda, e ao cocheiro o relógio e o dinheiro. Feito isto, os meninos deram aos calcanhares, tendo previamente mandado deitar todos de bruços no chão e ordenado que só se levantassem uma hora depois. A policia fez-se de fel e vinagre para descobrir os pilhos, mas apenas botou as unhas a um d'elles em 1810. (8)

A' volta das suas excursões cynegéticas, D. Miguel costumava entrar em Roma n'um carrinho descoberto e puxado por cavallos de posta, com guizeiras, onde elle e tres caçadores, enfarpellados á romana, vinham sentados e de espingardas altas na mão. Um tal Vaz, emigrado, zangou-se com elle em 1841 e foi para Paris, onde teve o desplante de contar na *Quotidienne*, tim-tim por tim-tim, toda a vida íntima de D. Miguel em Roma.

D. Miguel passou a Inglaterra em 1847 e casou na Allemanha em 1851, quando os annos já haviam deposto o seu alluvião sobre a sensibilidade e os enthusiasmos do príncipe, que, no conceito do eloquente Oliveira Martins, era mais nosso, e que, por esta causal, foi o ultimo dos que o povo comprehendeu e amou.

PINTO DE CARVALHO (TINOP).

- (1) M. A. Vaz de Carvalho, *A vida do duque de Palmella*, II, pag. 138.
- (2) Informação de um respeitavel cavalheiro, filho de um camarista e amigo íntimo de D. João VI.
- (3) *O Chaveiro Liberal* de 1829, pag. 54.
- (4) *Um documento para a historia contemporanea de Portugal, por uma testemunha ocular*.
- (5) *Historia de Portugal de Pinheiro Chagas*, continuada por Barbosa Colen, vol. IX, pag. 145.
- (6) *D. Miguel na Italia em 1834. Manuscritos de Monsinho da Silveira*.
- (7) Das Memorias ineditas de um emigrado.
- (8) Memorias já citadas.

Fenianos portuenses

Entre as gravuras que hoje inserimos, figuram tres do Club *Fenianos Portuenses*, que mal conta um anno de vida e entrou já n'um periodo pouco vulgar de florescencia. Não é um simples ponto de reunião de ociosos. O seu fim é revolucionar o Porto, civilisando o, inculcando-lhe ideias de arte e de bom gosto, dando os primeiros

passos para que se amodernisem festas nacionaes e chamando á capital do Norte grande concorrência de forasteiros.

A ideia partiu de um grupo de entusiastas em seguida ao desconsolo deixado pelo carnaval de 1904, um carnaval imbecil, sujo, sem graça, e sem espirito. Abraçado o projecto de transformar o velho Entrudo das bisnagas e das brutalidades, envergando-lhe uma casaca moderna e calcando-lhe lavas limpas, desde logo se resolveu fazer resurgir as passadas épocas de esplendor. A ideia partiu de um *velho rapaz (?)*, Costa Amaral, que ampliou o seu alvitre, dando á aggremação nascente o encargo de preparar largos movimentos que agitassem o Porto e o despertassem da inercia antiga.

Mezes depois surgiram os *Fenianos*, n'um bello edificio da praça da Batalha, com elementos preponderantes e bellos salões, hoje frequentados por mais de 1600 socios!

A primeira festa preparada por este club está para breves dias — o primeiro carnaval do Porto — o primeiro em bom gosto, em riqueza e em originalidade.

Para mais tarde projectam-se outras festas, taes como a dos Colheitas e a da feira do Porto, que, pelo assumpto promettem ser interessantissimas e de bellos resultados civilisadores para a cidade, que sempre soube manter o primeiro lugar de honra em todos os commettimentos.

O *Brasil-Portugal* felicita os *Fenianos* pela sua rasgada iniciativa e pela suggestiva legenda que adoptou: *Pelo Porto!*

Como em outro lugar dizemos a direcção do club, ainda a primitiva, compõe-se dos srs. Antonio da Silva Cunha, industrial, seu presidente; Julio Gama, jornalista e secretario do Hospital do Conde de Ferreira, vice-presidente; Francisco de Gouveia Peixoto, proprietario, 1.º secretario; Joaquim Pinto Gordo, negociante, 2.º secretario; Serafim Ferreira Alves Bastos, negociante, thesoureiro; e José Martins da Costa Amaral, negociante, David Coelho Pereira, capitalista, José Ferreira da Silva Monteiro, negociante, Abilio Machado, negociante, commendador José da Silva Ferreira Bahia, industrial, Alfredo Moreira da Rocha Brito, negociante, José Moreira da Rocha Brito, capitalista, Antonio Pereira da Silva, capitalista, Ayres Pinto Vaz Osorio, capitalista e Ramiro Achilles de Souza, capitalista, directores.

No proximo n.º de 16 de março esta revista inserirá curiosas gravuras das festas carnavalescas, no Porto, que lhe foram prometidas.



Phot. am. Rocha Brito

O CARNAVAL NO PORTO. — Um dos salões do Club dos «Fenianos Portuenses»

O CARNAVAL NO PORTO



Phot. Guedes d'Oliveira.

A comissão dos festejos carnavalescos

Da esquerda para a direita, 1.º plano (sentados): — José Moreira da Rocha Brito — Arthur de Castro — Antonio da Silva Cunha — Julio Sousa — Dr. Alvaro Vasconcellos
2.º plano (de pé): — José Martins da Costa Amarel — Comendador José da Silva Ferreira Bahia — Francisco Gouveia Peixoto — Antonio Pereira da Silva

POLITICA INTERNACIONAL

TODAS as noticias, que da Russia nos chegam, quer pela imprensa estrangeira, quer directamente da capital do imperio, deixam perceber a gravidade da situação. A partir de 22 de janeiro ultimo, sobretudo, os symptomas revolucionarios succedem-se com uma frequencia, sobre cuja significação não é licito a ninguem illudir-se. Vê-se bem, não obstante os esforços da ceusura para o occultar, que o governo é impotente para dominar o espirito de revolta que sopra por toda a parte, ameaçando converter-se em tempestade destruidora. Em S. Petersburgo foi o movimento de protesto afogado em sangue. Conseguiram-se assim alguns dias de tranquillidade apparente; mas eis que as grèves recommencam, d'esta vez com caracter mais ameaçador, o que certamente provocará novas repressões sangrentas. E depois de S. Petersburgo manifestaram-se, e ainda continuam grèves em Moscow, em Sebastopol, em Varsovia, em Lodz, em quasi todas as cidades não só da Russia europeia, mas até em algumas da Siberia. O movimento alastra por todas as regiões do imperio, e sob o ponto de vista industrial já tem causado importantissimas perdas, que mais aggravam ainda a situação. Por quanto tempo poderá continuar este estado de cousas sem degenerar n'um levantamento revolucionario geral?

Um triplice movimento se está esboçando a esta hora na Russia, cuja resultante será porventura em breve temerosa conflagração, se a autocracia persiste em contraria, o, suppondo que o pôde vencer pela força. E' em primeiro logar o movimento a favor das reformas constitucionaes; em segundo logar o movimento operario; e por ultimo o movimento terrorista, de que o ultimo attentado é a mais ousada manifestação. Accrescente-se ainda como fundo a este quadro temeroso a guerra, que já originou a actual perturbação no interior, e que se não sabe que novas catastrophes provocará, se a adversidade continuar a ferir com os seus golpes o exercito do tsar...

Digamos algumas palavras sobre cada um d'estes tres movimentos para comprehensão dos futuros e graves acontecimentos, que se estão preparando no grande imperio slavo.

Comencemos pelo movimento constitucional.

De ha muito que na Russia se trabalha, para que ao paiz seja dada uma constituição. O augmento de illustração e de influencia das classes educadas; a maior preponderancia que todos os dias vão tendo os elementos intellectuaes, o exemplo contagioso do estrangeiro onde sem excepção estão implantadas instituições parlamentares; e, *the last but not the least*, a profunda corrupção que sem reboço campeia em todas as espheras administrativas e governamentais; tudo isto estabeleceu pouco a pouco na parte pensante da nação uma corrente irresistivel, para que se ponha um termo a esta desorganisação e se procure o remedio aos males, de que o povo soffre, n'um governo responsavel, que pela sua origem represente a expressão da vontade nacional. Não só dentro das fronteiras mas fóra d'ellas numerosos propagandistas tem espalhado as doutrinas do partido constitucional, que tem hoje os seus chefes e uma activissima imprensa nos grandes centros de emigração russa no estrangeiro, como Londres, Paris e Genebra. A esta parte propriamente militante do partido veio ultimamente juntar-se o valioso contingente dos *zemstvos*, que nas principaes circumscripções se vão manifestando a favor das reformas. Já n'uma revista anterior contámos o que a este proposito se passou com a reunião dos presidentes dos *zemstvos* em S. Petersburgo, a qual primeiramente foi autorizada pelo governo, depois foi prohibida, e afinal sempre veio a realizar-se embora á porta fechada. Esta attitude dos *zemstvos*, que todos os dias se accentua e que se está convertendo n'um grande e irresistivel movimento nacional, é tanto mais importante quanto é certo que n'estas corporações predomina o elemento conservador — grandes proprietarios ruraes e membros da aristocracia provincial. Por isso mesmo tem mais alta significação os seus protestos. Ninguem decerto poderá suppor, que o principe Trubetzkoi, o presidente do *zemstvo* de Moscow, seja um revolucionario ou um socialista; assim como não são nem socialistas nem revolucionarios os membros do *zemstvo* de Tver, os primeiros que corajosamente se pronunciaram pela necessidade absoluta de reformas immediatas.

O movimento dos *zemstvos* é hoje geral por todo o imperio, e a elle tem adherido a alta burguezia das cidades e uma parte da nobreza. As representações ao governo e as petições ao tsar succedem-se, e mal irá á autocracia se em momentos tão criticos para a nação desprezar os avisos e não attender as reclamações, que de todos os lados lhe são dirigidas. Longe vai já a epoca, apesar de serem apenas passados dez annos, em que Nicolau II, após a sua subida ao throno, podia dirigir aos representantes do *zemstvo* de Tver as palavras imprudentes e altivas, com que elle respondeu ao pedido de reformas, que com as felicitações do estylo esta corporação timidamente lhe apresentava. Os tempos estão mudados, e o que então apparecia sob a fórma de respeitosa supplica, affirma-se hoje altamente como uma reevindicação a que tem de se fazer justiça.

para a historia da actual crise é o movimento operario. Pôde mesmo dizer-se que no momento presente mais do que nenhum outro contribue elle para a funda perturbação, que abala de um ao outro extremo o imperio. Em primeiro logar o movimento operario tem por si a importancia do numero. Emquanto que os liberaes e os revolucionarios são relativamente poucos, os grevistas constituem uma verdadeira legião no ponto onde se concentram — 150.000 em S. Petersburgo, 200.000 em Lodz, 50.000 em Moscow, perto de 100.000 em Varsovia. O resultado de semelhante concentração viu-se nos successos da capital de 22 e 23 de janeiro ultimo, e nos numerosos e sangrentos conflictos que em todas as principaes cidades se tem dado e se estão dando entre os operarios e a tropa. Como consequencia inevitavel d'estes repetidos conflictos o movimento grevista, que de principio tinha apenas significação economica, tem-se pouco a pouco transformado n'um movimento politico, que offereceu aos revolucionarios o indispensavel ponto de apoio, que até agora lhes tinha faltado para o exito da sua propaganda. A cegueira dos conselheiros do tsar, que no fatidico dia 22 de janeiro o dissuadiram de receber os delegados do operariado de S. Petersburgo, e o levaram a decretar a violenta repressão que para sempre lhe alienou as sympathias populares, pondo uma mancha de sangue indelevel no seu reinado, é a principal senão a unica responsavel pela gravidade da situação actual. N'esse dia teve a autocracia nas mãos o seu proprio destino. Alguma habilidade e alguma coragem teriam sido o bastante para separar a causa dos operarios dos da revolucionarios politicos; e estes ultimos sem o apoio das massas trabalhadoras veriam condemnadas á esterilidade as suas tentativas. Em vez d'isso, porém, Nicolau II commetteu o erro imperdoavel de não querer receber os delegados dos grevistas. Quiz alguns dias depois reparar a falta commettida. Era, porém, já tarde. A oportunidade para a autocracia passára.

O terceiro movimento, que está complicando a situação interna da Russia, é o revolucionario propriamente dito. De ha muito que n'este paiz existe uma forte propaganda, para obrigar pela força a burocracia a fazer concessões. Por mais de uma vez os grupos extremistas se tem lançado no caminho da violencia, já promovendo disturbios em diversos pontos do imperio, já realisando attentados que espalharam o terror nas classes dirigentes. E' sabido o triste fim de Alexandre II, victimado em plena capital por uma bomba nihilista. De então para cá, porém, devido sobretudo á feroz repressão do reinado de Alexandre III, o movimento revolucionario pareceu esmorecer, pelo menos na sua fórma mais ousada. Não se dissolveu completamente o partido, mas devido á força das circumstancias viu-se obrigado a mudar de tactica. Os chefes refugiaram-se no estrangeiro, e em vez de S. Petersburgo ou Moscow passaram a ser centros de propaganda Londres e Genebra. Assim continuaram as cousas até que a guerra com os successivos desastres dos russos no Extremo Oriente veio outra vez dar um inesperado alento ao partido revolucionario. Já um pouco antes tinha recommencado o regimen terrorista com os attentados contra o ministro Bogolievov e contra o general Bobrikov, embora a morte d'este ultimo obedecesse sobretudo a causas locais e se filiasse na anormal situação da Finlandia. Mas com Plehve a serie dos assassinatos politicos propriamente ditos recommencou. A morte do reaccionario ministro do interior foi o primeiro signal que o novo terrorismo deu da sua existencia. O segundo e recente aviso foi a morte do Grão-duque Sergio. Vê-se que os attentados vão n'um *crescendo* de audacia, não poupando nem os que mais chegados estão ao throno imperial. Não comprehenderá ainda Nicolau II a gravidade da situação? Tem lhe feito acreditar, que se trata apenas da revolta de uns centos de disculos; e a verdade é que é uma revolução em fórma que lhe está batendo ás portas do palacio, que não poderão continuar a estar cerradas ás reclamações da nação inteira, sob pena de lh'as arrombarem as massas populares. Sob o ponto de vista humanitario e philantropico não ha duvida, que são condemnaveis os meios violentos de que o partido revolucionario está lançando mão na Russia para fazer triumphar os seus ideaes. A vida humana é sempre inviolavel, mesmo que seja a de um despota; e não ha mais bellas victorias do que as que são ganhas pela clemencia ao serviço da justiça... Mas a historia tem a sua logica fatal e inexoravel como o destino. O que não se desculpa perante a razão e se condemna em face do sentimento, nem por isso deixa de encontrar explicação motivada nos precedentes que lhe dêram causa. São um crime os attentados, que mancham de sangue, ás vezes innocente até, a historia das nações; mas esses crimes são sempre o fructo maldito do despotismo, que, pervertendo aquelles que o supportam, acaba por apagar-lhes n'alma a noção da responsabilidade moral, sem a qual os homens se transformam em feras uns para os outros... *Homo homini lupus*.

Os attentados do terrorismo na Russia são a consequencia dos delictos da autocracia, que não soube retirar-se a tempo perante o accordar da nação, e que persiste em conservar pela força o que só pôde manter-se pela acquiescencia da maioria. Não ha senão um unico processo para desarmar o braço dos assassinos politicos — é satisfazer as aspirações nacionaes, em cujo nome se commettem os actos de justiça summaria, contra os que se oppõem á sua realisação...



D. Amelia, Steff Geyer. — **Trindade**, Affonso Taveira e a sua festa.
Gymnasio, Carlos e a *Guerra no Vinho*. — **Avenida**, *As Tentações de Santo Antonio* **Rua dos Condes**, Zarzuelas.
Colyseu dos Recreios, Os patinadores Mayos e *As Trombetas*

Poucos theatros nos deram... novidades, na quinzena decorrida. Por isso consagramos hoje pequeno espaço a esta chronica.

A falta de peça em primeira mão deu nos **D. Amelia** uma celebridade de... *primo cartello*. E' para se não interromper a série, que já vae longa, e felizmente parece não ter fim.

Estamos agora no regimen dos *enfants prodiges*, por que se a violinista Steff Geyer não é já bem uma creança, não se pode dizer comtudo que seja bem uma mulher.

Um homem, e de genio, um artista vigoroso e masculino, um *virtuosi* excepcional, é o que se nos affigura ser essa rapariga de 16 annos, que tem a technica dos grandes mestres, uma memoria musical que dir-se-ia incompativel com a sua idade, sentimento como um artista, dextresa e elegancia na maneira de ferir a corda, emfim uma arte consummada, e nos mais pequenos pormenores notavel, tirando do instrumento todos os cantos da natureza, todas as vibrações da dôr, do jubilo e da paixão.

Sem se ter visto esta juvenil celebridade pode affirmar se sem exaggero e sem lisonja que estava incompleta a galeria. Steff Geyer tem já marcado o seu logar entre os artistas supremos.

A festa de Affonso Taveira, o actor-empresario da **Trindade** marcou época. E' que todos os elementos se congregaram para que essa festa se revestisse de uma imponencia ao mesmo tempo suggestiva e emocionante.

Vendo agrupados em torno de si, e em tão grande escala que enchem o theatro, admiradores e amigos, peude Affonso Taveira reconhecer que são escolhidas e numerosas as sympathias de que disfructa.

Os brindes com que lhe encheram o camarim, e os applausos prolongados com que o publico inteiro o acolhia todas as vezes que elle entrava em scena, convenceram-no sensibilizando-o, de que vale a pena sacrificar alguma coisa á arte, pensar sempre no publico, e alliar invariavelmente a qualidades invejaveis de empresario qualidades de character e correção de processos que tornam por igual estimado o artista e o homem.

Outra festa, tambem significativa e sympathica, foi a de Cardoso no **Gymnasio**. Para ella escolheu o popular artista uma comedia ingleza, transportada para a nossa lingua pelo sr. Freitas Branco com a habilidade que elle tem, especial e inconfundivel, para estas

transplantações, que são mais do que isso, accommodações á scena portugueza, ao theatro, e até aos artistas.

A *guerra ao vinho* é uma *charge* das mais engraçadas que conhece mos, uma descabellada troça ás sociedades de temperança que abundam em Inglaterra, resumindo-se tudo afinal em exaltar e consagrar o vinho como um nectar celeste.

Os dois artistas que dos seus papeis tiram mais effectos são Cardoso e Barbara. São dois personagens de um comico irresistivel, duas figuras que não esquecem mais, porque, ellas no palco, e é logo uma fabrica de gargalhadas explosivas em toda a sala.

Immediatamente a seguir é esplendido o papel de Telmo que o faz a primor, e todos os outros artistas, sem exceptuar os... novissimos, estão no desempenho como em sua casa, francamente, á vontade, concorrendo todos para o exito da *Guerra ao vinho*, que é mais um *reclame* á nossa bella pinga que outra coisa, e que, mais do que isso ainda, é uma mina para... o Valle.

Tivemos na **Avenida** uma zarzuela n'um acto *As Tentações de Santo Antonio*, correctamente traduzida por Bruno de Miranda, e que é afinal um encantador e artistico pretexto para fazer realçar o talento de Palmyra Bastos, para despertar a veia comica de Alfredo de Carvalho, a graça de Roldão, e as aptidões de Maria Santos.

Na **Rua dos Condes** campeia a zarzuela. *A Marselheza*, *a Dolores*, *o Barberillo de Lavapiés*, *Sobresaltante*, *El duo de la Africana*, *a Marcha da Cadiz* e outras ainda fazem crer que a Hespanha da castanhola, do salero, das peteneras, da musica alegre e suggestiva, veio anichar-se na Rua dos Condes.

E d'isso convencem todas as noites a cidade de Lisboa os artistas hespanhoes que ella lá tem ido applaudir, a Concha Villasante, a Luiza Rodrigues, a Ramona Gorge, o Arturo Ubeda, o Francisco Villasante, a Carmen Ortega e outros que parecem trazer da patria das zarzuelas a desenvoltura, a graça, os requebros, o chiste, a vida de toda Hespanha aventureira, epica, sensual apaixonada, trociata.

Os patinadores Mayos e os duettistas comicos *As Trombetas* são as duas ultimas novidades do **Colyseu dos Recreios**, que já não parece um circo mas uma caixa de surpresas porfiando todas em arrancar applausos aos publicos de todas as noites.

JAYME VICTOR.

